



Entrevista com Raquel da Silveira

Entrevista: Renato P. Ribas

Fotos: Camila Rocha

Revisão: Nicole Maciel dos Passos

Revista da Extensão: Quem é a professora Raquel da Silveira? Nos fale um pouco de você.

Professora Raquel da Silveira: Sou formada em Educação Física pela UFRGS, fiz o mestrado e doutorado em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), também na UFRGS, sendo que, um ano dos estudos do doutorado, realizei na Université Paris Nanterre (França). Ingressei como professora do ensino superior na Universidade Federal de Rio Grande (FURG) para atuar na área das Lutas, uma vez que na infância e adolescência fui praticante de karatê-do, chegando a ser faixa preta. Após 9 anos e 6 meses atuando na FURG, ingressei na UFRGS em 2018 como docente para atuar na área do Lazer. Conheci o Lazer como área de intervenção e de pesquisa no meu primeiro semestre como estudante, quando o professor Marco Paulo Stigger iniciou um projeto de pesquisa sobre o Parque Farroupilha e começou a investigar o Jogo da Bocha que acontece neste parque.

Revista da Extensão: Como tem sido sua carreira na UFRGS (projetos, atuações, envolvimento com a extensão universitária)?

Professora Raquel da Silveira: Desde que ingressei na UFRGS, venho atuando na área do ensino, pesquisa, extensão e gestão. No ensino, tanto na graduação quanto na pós-graduação (PPGCMH), atuo em disciplinas e estágios na área do Lazer. Na pesquisa, coordeno, junto com os colegas Marília Martins Bandeira e Mauro Myskiw, o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), onde desenvolvemos pesquisas sobre temas diversos, dentre

eles o Lazer. Um exemplo de pesquisa que está sendo finalizada neste mês é a da mestranda Janaína Fontes de Oliveira, que investigou o Lazer de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, ou seja, em abrigos mantidos pela Fundação de Proteção Especial do Estado do Rio Grande do Sul (FPE). Em relação à extensão, após alguns meses que ingressei na UFRGS, reativei o projeto criado pelo professor Mário Brauner, “Basquete Comunitário”, que neste ano completou 26 anos de existência.

Este projeto consiste em ofertar um espaço de lazer para adultos, a partir do jogo de basquete. Ele acontece no Ginásio 1 da ESEFID nas segundas e sextas-feiras, das 19h30 às 21h30. No ano de 2023, participaram do projeto mais de 600 pessoas de diferentes bairros e com distintos marcadores sociais (classe social, étnico-racial, gênero, sexualidade), sendo uma média de 50 pessoas por noite. O significado deste projeto para os/as ‘basqueteiros/as’, para além de garantir um espaço adequado, com segurança, gratuito, com organização dos jogos, refere-se à rede de sociabilidade, confiança e amizades que o projeto proporciona.

A gestão universitária também passou a compor meu cotidiano na UFRGS. Para além de inúmeras comissões internas da ESEFID, participei de duas gestões da CPPD (Comissão Permanente de Pessoal Docente) e fui chefe do Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Dança em 2022/2023. Considero essas atuações fundamentais e atreladas à minha responsabilidade de manter esta universidade comprometida com os princípios democráticos, pública, gratuita, ampliando o seu acesso, garantindo a permanência e a qualidade

de suas ações.

Revista da Extensão: Como foi o seu envolvimento com o Abrigo ESEFID-UFRGS durante as enchentes do mês de maio?

Professora Raquel da Silveira: No sábado, 4 de maio de 2024, às 6 horas da manhã, recebi mensagens no WhatsApp de dois pró-reitores solicitando que eu entrasse em contato com a direção da ESEFID para abrirmos o campus, uma vez que ele seria um abrigo para as pessoas que estavam sendo resgatadas da enchente. Eram 7 horas da manhã quando a diretora da ESEFID, Luciana Paiva, e o vice-diretor, Rogério Voser, estavam recebendo os ônibus que chegavam com as pessoas, seus animais de estimação e alguma sacola ou mochila para se abrigarem na ESEFID.

Deste momento em diante, formou-se uma grande rede de solidariedade para atender às necessidades básicas e urgentes destas pessoas e animais. Eram tantas pessoas querendo ajudar e realizando doações que, durante o sábado e o domingo, teve que se fechar a rua em frente à ESEFID para organizar o trânsito, que ficou congestionado. Com o passar das horas, identificamos a necessidade de iniciar um processo também de organização das ações, recebimento de doações e voluntários. Assim, passei a me envolver diretamente nessa organização e, juntamente com a professora Andréa Krüger Gonçalves, começamos a desenvolver fluxos de trabalho e de gestão no abrigo. Minha tarefa foi estar em diálogo com a direção da ESEFID e os diferentes setores que foram sendo criados para atender às necessidades das mais de 650 pessoas que fizeram da ESEFID a sua casa.

Revista da Extensão: Por favor, nos conte um pouco como era a organização do Abrigo ESEFID-UFRGS.

Professora Raquel da Silveira: Institucionalmente, a responsabilidade do abrigo foi da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, na pessoa da Secretária de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ), Ana Paula Bastos. A UFRGS assumiu a corresponsabilidade do abrigo, a partir da Pró-Reitora de Assuntos Estudantis (PRAE), Ludymila Schulz Barroso Mallmann, e da Direção

da ESEFID, Luciana Laureano Paiva e Rogério da Cunha Voser. Foi criado um grupo de voluntariado via WhatsApp, coordenado por 12 alunos/as e ex-alunos/as da UFRGS, que tinha mais de 1300 pessoas, as quais, conforme suas disponibilidades, eram escaladas para atuar nos diferentes turnos e setores.

Foram estabelecidos 15 setores: rouparia, portaria, alimentação dos voluntários, volantes, RU (Restaurantes Universitários), ação com bebês, movimentação ESEFID, infâncias, doações, turno madrugada, higiene, compostagem, infraestrutura, saúde e segurança. Nas primeiras semanas, chegamos a ter mil pessoas trabalhando voluntariamente em 24 horas de abrigo. Após, com determinadas necessidades já atendidas, fluxos estabelecidos e funções apreendidas pelo voluntariado, esse número foi reduzindo. O abrigo durou 55 dias e tenho certeza de que foi uma das maiores ações humanitárias que esta universidade fez em sua história.

Revista da Extensão: Poderia nos relatar alguns fatos e histórias vivenciadas neste período de funcionamento do Abrigo?

Professora Raquel da Silveira: Foram muitas as experiências que pude viver nesses 55 dias. Poder ajudar naquele momento tão difícil para todos(as) nós do Rio Grande do Sul, mas, especialmente, tão doloroso para as pessoas que estavam abrigadas na ESEFID. Foi uma tarefa complexa, com um misto de sentimentos e que só foi possível devido a um grande trabalho coletivo.

Esta coletividade é um dos fatos que me marcou. Pude trabalhar ao lado de professores(as) aposentados(as) que fizeram parte da minha trajetória e estavam atuando como voluntário(a)s, conheci e atuei ao lado de colegas de outras unidades da UFRGS que dificilmente eu acessaria, acompanhei estudantes assumindo protagonismos em ações de maneira exemplar, vi a comunidade ao redor da ESEFID participando do voluntariado e demonstrando afeto e comprometimento com o abrigo. Entre as idas e vindas de voluntários, pude em alguns dias compartilhar essa ação com os meus pais, Jusara e Daltro, o que foi muito especial.

Em relação às pessoas que estavam na situação do

abrigo, pude acompanhar muitas histórias de vida. Meu dia a dia no abrigo era composto por uma escuta atenta a essas pessoas para poder compreender suas necessidades e fazer as ações seguirem nessa direção. Nos primeiros dias, lembro que a sensação de insegurança, de medo e da imprevisibilidade do que viria a acontecer estava presente nas falas das pessoas. Com o passar dos dias, os laços de confiança e de afeto com os 'azuizinhos' (pois o voluntariado usava colete azul), como éramos chamados, foram sendo estabelecidos e começou a mudar a forma como as pessoas se sentiam no abrigo.

Foram muitas as vezes que ouvi relatos das situações inabitáveis das casas, da perda de todos os bens, móveis e pertences, da lama que ficou, do cheiro insuportável e do lixo que se avolumou. Também pude presenciar muitos sorrisos, muitos agradecimentos, muitos abraços e relatos dos pequenos passos que eram dados em relação à retomada do (novo) lugar para morar. Situações que, para mim, ainda estão no campo do inenarrável.

Até hoje, quando estou no ginásio desenvolvendo o projeto de extensão "Basquete Comunitário", me vêm lembranças das famílias e dos locais onde elas ficavam no ginásio, onde, nas quadras em que estão basqueteiras e basqueteiros jogando, elas fizeram as suas 'casas'.

Revista da Extensão: Como foi o processo de encerramento das atividades do Abrigo?

Professora Raquel da Silveira: Após tratativas com a prefeitura, fomos tentando estabelecer uma data de encerramento para o abrigo, uma vez que entendíamos que a situação de emergência já havia passado e a UFRGS necessitava retornar à sua função fim. Estávamos imbuídos de fazer com que cada família saísse do abrigo para algum local de moradia.

Os esforços foram imensos, contudo, para cerca de 30 famílias isso não foi possível, e elas foram encaminhadas para outros abrigos que ainda se mantêm na cidade. No dia 28 de junho de 2024, às 16 horas, o ônibus com as últimas duas famílias deixou a ESEFID.

As despedidas foram momentos emocionantes, de agradecimentos e reconhecimento da ação realizada. Ao mesmo tempo, foram difíceis, pois sabemos que a maioria das famílias teve perdas irreparáveis e os processos de reconstrução serão árduos.

Revista da Extensão: Qual o impacto que você percebe ou imagina na sua vida pessoal e profissional, não apenas do evento das enchentes de maio de 2024, mas deste seu envolvimento na equipe coordenadora do Abrigo ESEFID-UFRGS?

Professora Raquel da Silveira: Ainda é difícil compreender os efeitos desta ação em mim e no coletivo que atuou intensamente no abrigo. Sinto que a UFRGS ficou maior. Passamos a conhecer e a admirar colegas de diferentes campos, setores e unidades. Pudemos trabalhar em conjunto e estabelecer confiança, parcerias, aprendizagens e construções coletivas de resoluções de incontáveis problemas que surgiam diariamente no abrigo. Ficaram muitas marcas em todos nós, seguir com elas é, para mim, saber que coletivamente podemos fazer muito.

Revista da Extensão: Sendo mais pontual, qual o impacto você espera (imagina) que a experiência do Abrigo ESEFID-UFRGS terá na formação dos estudantes envolvidos e na sua própria trajetória como extensionista?

Professora Raquel da Silveira: Ao longo do abrigo, muitos e muitas estudantes estiveram atuando nos diferentes setores como voluntários(as). Os processos formativos que puderam experienciar foram intensos e colocaram em destaque a necessidade de estarmos atentos à escuta e às demandas das pessoas com quem atuamos. Após os 55 dias de abrigo, carrego comigo a sensação de que a UFRGS ficou mais próxima das pessoas. Sigo minha trajetória de extensionista, mas também de docente, pesquisadora e gestora, com mais elementos que me mostram que a universidade pública tem um potencial imenso frente aos desafios que teremos pela frente. ◀